

2021



PPGD

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DIREITO • UNIRIO

REVISTA DIREITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Law and Public Policy Review

ISSN 2675-1143

Volume 3, n. 2

Julho - Dezembro

Qualis B2



Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

 <http://seer.unirio.br/rdpp/index>

 rdpp@unirio.br

**REVISTA DIREITO DAS POLÍTICAS
PÚBLICAS**
LAW AND PUBLIC POLICY REVIEW

VOLUME N.º 3 – NÚMERO 2

ISSN 2675-1143

Editor-Chefe:

Profa. Dra. Edna Raquel Hogemann, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Vice Editor-Chefe:

Prof. Dr. Oswaldo Pereira de Lima Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rio de Janeiro, 2021.



A filosofia do Ubuntu na educação

The philosophy of ubuntu in education

Ngogi “Mgogi” Emmanuel Mahaye¹

Secretaria de Educação de KwaZulu-Natal. Diretor-Gabinete do MEC. Africa do Sul

Edna Raquel Hogemann (tradutora)²³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professor. Rio de Janeiro (RJ). Brasil

RESUMO

Sinto-me muito humilde, mas exaltado pelo nobre chamado abraçado por revolução e evolução das ideias que deram forma a esta peça exotérmica do artigo ‘Filosofia no desenvolvimento e design curricular. Isto é uma culminação de experiências vividas na fraternidade educativa de sistema sociopedagógico. Ela estende sua mente ao seu limite em uma interminável maneira e caráter próprio. Conhecimento é informação e informação é conhecimento, mas é tanto uma transformação quanto outra versão de sua matéria e energia. Tanto conhecimento e informação quanto matéria e energia não podem ser criados nem destruídos, mas apenas mudando de uma forma para outra, portanto este artigo pretende mudar o estudo moderado de uma forma para outra no nível e posição de pensamento. Tem sido minha filosofia e crença ensinar uma criança africana como nunca e como se você fosse uma arma ou cano apontado. Isso porque eles são o futuro de nosso país libertado, a esperança e os futuros líderes, e a nova mentalidade de uma liderança prospectiva consciente. A pergunta importante é se os coordenadores de currículo estão dispostos a trabalhar duro para ter sucesso na obtenção de educação de qualidade e vão além,

ABSTRACT

I feel very much humbled yet exalted by the noble call embraced by revolution and evolution of ideas that had shaped this exothermic piece of article ‘Philosophy in curriculum development and design. This is a culmination of experiences one encountered in education fraternity of socio-pedagogical system. It stretches your mind to its limit in an endless manner and fashion of its kind. Knowledge is information and information is knowledge but it’s both transformations tender another version of its matter and energy. Both knowledge and information as matter and energy cannot be created nor destroyed but merely change from one form to another, hence this article will change the sober scholar from one form to another in the level and position of thinking. It has been my philosophy and belief to teach an African child like never before and as if you are gun or barrel pointed. This is because they are the future of our liberated country, the hope and future leaders, and the fresh minds of a mindful foresight leadership. The important question is whether curriculum managers are willing to work hard in order to succeed in getting quality education and go in extra mile putting their concerted effort to acquire skills and talents in ensuring our economic

¹ Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5668-111X>

² Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3276-4526>

³ Tradutora: O presente texto, da autoria de Ngogi “Mgogi” Emmanuel Mahaye, Diretor- Gabinete do MEC-Secretaria de Educação de KwaZulu-Natal (Kzn), África do Sul, se propõe a realizar uma reflexão em como a filosofia do Ubuntu pode servir como um instrumento poderoso na educação, sob um signo multicultural, em comunidades outrora colônias e herdeiras do eurocentrismo, possibilitando um outro olhar para as questões contemporâneas críticas e os problemas sociais enfrentados por cada comunidade. Foi originalmente escrito em inglês sob o título: *The Philosophy of Ubuntu in Education*, em 2018 e, agora publicado com tradução em português, mediante a devida autorização expressa do autor.



colocando seu esforço para adquirir habilidades e talentos para garantir o nosso desenvolvimento e crescimento econômico. Os educadores devem ser treinados para adquirir a compreensão de que sociedade de pensadores e suas ideias progressistas são cruciais para que eles evoluam, e venham a crescer para se tornarem estudiosos moralmente aceitáveis de um mundo global. A apresentação deste artigo, apesar de sua natureza heterogênea, direciona para um ponto central de foco para desencadear pensamentos controversos divergentes dos padrões de sua própria natureza e interpretação. Uma articulação unificada de ofensiva pós-colonial às tendências estrangeiras em todos os aspectos da vida processamento da filosofia do ubuntu atinge a nação de esperança e o orgulho nativo inerente. A relevância e o tempo em que foi publicado dão impulso ao passo progressivo de nosso amado país, a África do Sul, para avançar radicalmente na transformação da educação através da filosofia do Ubuntu e seus Princípios de garantir estabilidade econômica crescente constante. Isso tratado em um número de seções que falam de reforma educacional que não se encontra propagando a ubuntuologia como estratégia de ensino e aprendizagem. Promoverá o pensamento crítico e o modo analítico e o ritmo patriótico em resposta a uma ansiedade levantada pelas crescentes forças das trevas para dar uma reviravolta no currículo sul-africano e na África para a sustentabilidade de seus ganhos econômicos às custas dos pobres e dos últimos. Esse ataque violento usa o antigo design instrucional opressivo latente para atrair as massas para as segundas leis pró-imperialistas pré-1994 e as oportunidades de emprego escravo que foi atribuído à exploração de negros como população menor. A tremenda mudança criou mais desafios sociais e econômicos impulsionado pela onda política de esperança aumentando a área iluminada na nuvem escura em que existia o apartheid e o regime colonial. Tenho prazer em reconectar a mim

development and growth. The school educators must be trained to acquire understanding that society of thinkers and its progressive ideas are crucial for them to evolve, and grow to become moral acceptable scholars of a global world. The presentation of this article in spite of its heterogeneous nature directs to one centre point of focus to spark divergent controversial thinking patterns of its own nature and interpretation. A unified articulation of postcolonial attack to foreign tendencies in all aspect of life tender the processing of philosophy of ubuntu reaches the nation of hope and inherent native pride. Relevance and time in which it has been published gives impetus to the progressive step of our beloved country South Africa to advance radical education transformation through the philosophy of Ubuntu and its tenets of securing stable constant increasing economic. This seen in a number of sections that talks to education reform which shall not be found propagating ubuntuology as the teaching and learning strategy. It will promote critical thinking and analytical mode and patriotic tempo in responding to an anxieties raised by growing dark forces to somersault South African curriculum and Africa for their sustainability of their economic gains in the expense of the poor and the least. This onslaught uses latent old oppressive instructional design to woo masses to second pre- 1994 pro-imperialist laws and slavery employment opportunities that was assigned to blacks exploitation with small population and its natality than today. The tremendous change created more social and economic challenges driven by political wave of hope increasing silver lining surface area in the dark cloud the apartheid and colonial regime existed on. It gives me pleasure to reconnect myself and the youth to the real paradigm shift in the educational pendulum and academic reflection if not African scholarship resisting inferior position slumbering in terms of economic emancipation and structure. This article exist to acquaint the reader about manipulative



e aos jovens à verdadeira mudança de paradigma no pêndulo educacional e a reflexão acadêmica africana sobre estudos resistindo a uma posição inferior adormecida em termos de economia emancipação e estrutura. Este artigo se propõe a informar o leitor sobre a bonificação manipuladora de sistemas passados como a Educação Bantu em favor de neocoloniais e neoliberais sufocando nossas conquistas trazidas pela liberdade e democracia. A educação é indexada exponencialmente como uma prioridade máxima para libertar nossa mente, por isso está sendo carinhosamente definida como um fenômeno. Estou colocando o trabalho desta natureza à vista de vocês após os livros publicados e não publicados (artigos), *The Down Trodden Young Vozes Brilhantes*, *Filosofia da Educação Através dos Olhos dos Jovens Uns* e *A filosofia do Ubuntu e da Educação*. Foi uma enorme tarefa para mim como a ideia e autor desses livros como reverência de alta estima. Este artigo procura explorar os efeitos positivos, em professores, alunos e a sociedade, se a filosofia Ubuntu fosse infundida no sistema educacional sul-africano por meio do currículo e, simultaneamente, ancorada nos princípios paradigmáticos do Ubuntu e da Afrikology. Como uma filosofia transformadora, o artigo argumenta que o Ubuntu expande a mente para uma prática de sala de aula escolar e estaciona um novo visual e navegação transformadora e inovação necessárias em nossa 4.^a revolução industrial para o desenvolvimento socioeconômico.

PALAVRAS-CHAVE:

Afrikologia; Axiologia; Paradigmas; Ontologia; Epistemologia; Diversidade social; Ubuntu; Maat; Heutagogia; Ubuntu-gogia; Andragogia; Epistemologia; Filosofia.

gratification of past systems like Bantu Education in favour of neo-colonial and neo-liberals suffocating our gains brought by freedom and democracy. Education is exponentially indexed as an apex priority to liberate our mind, hence it is being affectionately defined as a critical phenomenon. I am putting the work of this nature in the sight of yours aftermath the published and unpublished (articles) books, *The Down Trodden Young Brilliant Voices*, *Education Philosophy Through the Eyes of the Young Ones* and *The philosophy of Ubuntu and Education*. It was an enormous task to me as the brainchild and Author of these books as reverence of high esteem. This paper seeks to explore positive effects, on teachers, learners and society, if Ubuntu philosophy was to be infused in the South African education system through the curriculum, and simultaneously anchored on the paradigmatic principles of Ubuntu and Afrikology. As a transformative philosophy, the paper argues that Ubuntu stretches one's mind into a school classroom practice and sparks a new look and transformative navigation and innovation required in our 4th industrial revolution for socio-economic development.

KEYWORDS:

Afrikology; Axiology; Paradigms; Ontology; Epistemology; Social diversity; Ubuntu; Maat; Heutagogy; Ubuntu-gogy; Andragogy; Epistemology; Philosophy.



1. INTRODUÇÃO

A educação é a instituição social essencial. Num sentido muito real, a função da sociedade é a educação. O efeito da educação na sociedade é profundo, e todas as sociedades privilegiam a educação como a pedra angular da estabilidade, segurança, crescimento e poder. As raízes da educação como instituição social residem na necessidade de estabilidade e segurança dentro dos grupos sociais. Nesse sentido, a educação tem sido tradicionalmente um agente do status quo, e não um agente de mudança.

Como as crianças devem ser educadas moralmente? Como uma sociedade deve responder à infração moral? Existe uma lógica universal para o desenvolvimento moral? Existe uma alternativa plausível aos modelos de justiça e cuidado da moral, raciocínio e ação?

Neste artigo, respondemos a essas e outras questões importantes sobre moralidade, apelando para uma filosofia africana chamada Ubuntu, que é encontrado em todo o continente africano. Mas, ao fazê-lo, precisamos justapor isso ao atual sistema educacional, que é amplamente eurocêntrico, com o objetivo de transformar nosso sistema educacional, pois vivemos em um mundo poliepistêmico.

Os professores africanos, na disciplina de educação, devem buscar a produção de conhecimentos que possam renovar a cultura africana, defender a dignidade e as conquistas civilizacionais dos povos africanos e contribuir novamente para uma nova agenda global que pode nos tirar da crise da modernidade promovida pelo Iluminismo europeu. Tal conhecimento deve ser relevante para as necessidades atuais das massas, que elas podem usar para trazer uma transformação social de sua situação atual. Não podemos apenas falar sobre produção de “conhecimento por si mesmo” sem questionar seu propósito. Não pode haver tal coisa como o avanço da ciência por si só. Aqueles que perseguem a “ciência pela ciência” descubrem que seu conhecimento é usado para propósitos que talvez nunca tenham pretendido.

O conhecimento eurocêntrico não é produzido apenas por si mesmo. Seu propósito ao longo dos tempos tem sido capacitá-los a “conhecer os nativos” para apropriar-se de seus territórios, incluindo recursos humanos e materiais [Said, 1978] em seu benefício³. Tal controle de conhecimento foi usado para explorar os povos não europeus, colonizá-los mentalmente e geoestrategicamente, bem como subordinar o resto do mundo a seus projetos e interesses.



2. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

Nas instituições de ensino superior sul-africanas em geral, e nas escolas em particular, a educação básica ainda representa um enorme desafio. Embora muito tenha sido feito para fechar a lacuna (desequilíbrios do passado), a multiculturalidade na educação e a construção do conhecimento ainda representam um desafio devido à sociedade multicultural dominada pelos tradicionalistas ocidentais que defendem esse sistema educacional há séculos, que ainda existe por meio de escolas independentes e privadas; a marginalização dos sistemas de conhecimento indígenas, culturas de grupos étnicos locais; a supressão da diversidade de saberes e da tipologia das escolas situadas em diferentes contextos, como rural, semirural, eficiente e urbano, dificulta o enfrentamento dos desafios multiculturais; falha em reconhecer o Ubuntu em nossos sistemas de educação sufocaria o sistema educacional de nosso país como um todo e perpetuaria os legados do Apartheid.

O conhecimento eurocêntrico sobre nós, que chamamos de “conhecimento científico”, ainda domina a psicologia da política, economia e elites acadêmicas e através da religião, também as massas africanas.

Trata-se, portanto, da tarefa de redescobrir o passado de África, que já começaram a problematizar, no contexto da criação da base para uma epistemologia e metodologia inovadoras, que devem ser perseguidas.

A África do Sul escolheu “Sistemas de Conhecimento Indígena” (IKS) como conceito de nivelamento preferido, que se refere a esse sistema de conhecimento em filosofia, ciência, tecnologia, astronomia, educação, matemática, engenharia etc., que está fundamentada no total "cultural" (muito amplamente definido) patrimônio de uma nação ou sociedade, e mantido por comunidades ao longo dos séculos.

Esses sistemas são sustentados por uma teia interligada de subsistemas éticos, sociais, religiosos e filosóficos que determinam amplos padrões de cognição, fornecem-lhe a essência racional e tom emocional. A questão, portanto, é: por que o Ubuntu não está, mesmo em um país democrático como o nosso, infundido no sistema educacional?

As escolas sul-africanas, neste momento, caracterizam-se por um comportamento pernicioso de professores e alunos. Estamos testemunhando atos horríveis de estupro, violência – violência entre professores e alunos, roubo, destruição de propriedades escolares, falta de respeito, drogas dentro das dependências das escolas etc.



Escolas tornaram-se refúgio de traficantes, estupradores, etc. Esta é uma manifestação de pobreza espiritual dentro de nossas instituições de ensino, daí as vidas de professores e alunos tornaram-se tão vulneráveis. Tal ambiente torna difícil a produção de futuros líderes confiáveis. É nesse sentido que, talvez, a infusão da filosofia Ubuntu nas nossas escolas podem conter esse flagelo.

3. EDUCAÇÃO

A educação desempenha um papel vital no desenvolvimento dos valores humanos e humanidade. É uma prioridade no desenvolvimento e avanço da civilização e humanidade. É um meio pelo qual as pessoas são preparadas para a criação de sua própria civilização e glória particulares”

Para nós, a educação deve criar uma consciência entre as crianças e adultos para que possam ser encorajados e capacitados a pensar positivamente em a recuperação e reconstrução de sua história, patrimônio cultural, identidade e personalidade.

No muito recente sistema eurocêntrico de educação a que todos fomos submetidos, o africano continua a ser vítima um processo educacional que está causando uma deformidade mental que, por sua vez, está afetando sua visão de si mesmo, dos outros e do mundo humano como um todo.

O aspecto mais prejudicial desse sistema educacional era que ele hipnotizava a mente africana a ponto de causar confusão, frustração e desamparo e por vezes fez com que o africano contribuísse involuntariamente para projetos voltados para sua própria destruição.

Este se sente equivocado e inseguro, especialmente quando confrontado com situações que exigem suas suas decisões sejam rápidas e independentes. Fica a pergunta:

Que tipo de educação queremos para nossos filhos? John Clarke, em seu livro “African World Revolution”, tentou responder a esta pergunta quando disse “... nossos filhos devem ser educados para autossuficiência, manutenção da nação, administração da nação em todos os aspectos. Eventualmente, eles devem aprender a projetar e fabricar todas as instalações necessárias usadas no mundo, desde um alfinete de segurança até uma locomotiva e um avião”

E Freire em seu livro “O Pedagogia do oprimido” respondeu e disse: “nós precisamos ter uma educação libertária, que faça as pessoas se sentirem mestres de seu pensamento, discutindo o pensamento e as visões do mundo explícita ou implicitamente”.



4. FILOSOFIA

A filosofia é um conceito crítico de alcance mundial que deriva de duas palavras simples: (*Philein*), que significa amor, e (*Sophia*), que significa sabedoria. Isso significa o amor pela sabedoria. A filosofia é um engajamento crítico que busca desenvolver os padrões de vida por meio de ideias, opiniões, pensamentos e crenças.

Existem muitos tipos de filosofia, e entre aqueles que me interessam estão a filosofia europeia/grega e a filosofia africana. A filosofia grega é bem documentada e conhecida, portanto, vou focar na filosofia africana e suas aplicações em nossos sistemas educacionais.

De acordo com Paulin Hountondji em sua obra "Filosofia Africana: Mito e Realidade" (1996), utilizando a abordagem tradicionalista para a filosofia africana, um africano pode aprender filosofia em uma instituição de ensino superior ocidental no exterior ou em seu próprio país e se tornar extremamente hábil em disputas filosóficas; ele até pode ser capaz de fazer contribuições originais em algumas áreas da filosofia. No entanto, o fato permanece de que ele estaria envolvido na filosofia ocidental, não na filosofia africana.

No que diz respeito aos principais ramos da filosofia, as ideias filosóficas africanas podem muito bem ser inexistentes. Essa tendência deve ser revertida. Acadêmicos africanos como Placide Temples, Alexis Kagame, Kwesi Wiredu e muitos outros desenvolveram uma resposta a essa tendência ao criar uma filosofia orientada para a África, sendo rapidamente rotulados de "etnofilósofos". A filosofia africana se tornou a segunda corrente filosófica e sempre foi contestada pelo primeiro grupo ocidental de filósofos.

A controvérsia resultante da crítica de Hountondji à etnofilosofia constituiu uma parte significativa das preocupações da filosofia africana contemporânea. Essa controvérsia pode ser estudada em diversos livros, como Appiah (1989: cap. 8); Appiah (1992: cap. 5); Gbadegesin (1991: cap. 1); Gyekye (1987: caps. 1–3); veja também o prefácio da edição revisada; Kwame (1995: Introdução, caps. 1, 2 e 5); Makinde (1988: caps. 1–3); Masolo (1994: caps. 2, 3 e 7); Mosley (1995); Oladipo (1992); Oruka (1990a); Serequeberhan (1991).

Portanto, há uma crença generalizada entre os filósofos africanos de que existiam textos filosóficos não decodificados na sociedade tradicional africana. O único obstáculo, argumentam Mafeje e Wiredu, é que o estudo desses textos pelos africanos não tem sido conceitualmente esclarecedor, nem eminentemente crítico e reconstrutivo.

O que é importante é que todo pensamento ocorre em contextos culturais e socioculturais, e a filosofia africana existe e deve ser respeitada e maximizada em nosso sistema



educacional, caso contrário, a África como um todo cairia perpetuamente e sucumbiria aos excessos de um desconhecido universalismo ocidental.

Portanto, ao incorporar a filosofia Ubuntu no sistema educacional, em um ambiente multicultural, como temos na África do Sul, é crucial examinar a gênese africana da filosofia.

5. FILOSOFIA AFRICANA

É significativo, a partir do ponto de vista de uma Afrikologia do conhecimento, que quando a crise das epistemologias científicas modernas começou a se manifestar de maneira significativa na consciência de alguns dos pensadores *mainstream*, a única alternativa que eles tinham para superar essa crise era retornar à fonte.

Nas escolas de mistério da antiga Kemet, a educação era o processo de alcançar a consciência interior do Criador, e os gregos definiam a educação como 'extrair do potencial latente' aquilo que já preexistia internamente. Os métodos primários de ensino eram focados no desenvolvimento do caráter e na superação de falhas básicas de caráter. As seguintes 10 virtudes que os estudantes deveriam desenvolver eram: controle do pensamento; controle do propósito; devoção ao propósito; liberdade do ressentimento sob perseguição; liberdade do ressentimento sob injustiça; habilidade para distinguir o real do irreal; habilidade para distinguir o certo do errado, etc.

É claro a partir desses princípios que a educação era primordialmente um processo orientado internamente. O processo era abrangente e envolvia o iniciado/aluno alcançando: unidade do eu; unidade da tribo e unidade com a natureza; desenvolvimento de responsabilidade social; desenvolvimento de caráter e desenvolvimento de domínio/poder espiritual.

Ao estabelecer comparações entre esse sistema de educação e aquele ao qual estamos sujeitos hoje, as diferenças se tornam evidentes.

Por outro lado, a verdadeira educação revela a importância desse sistema de escolas de mistério, sem necessariamente voltar à história, visto que podem ser compreendidos como habilidades básicas para a vida e algo do qual todos deveríamos ter consciência. No entanto, esse conhecimento nos foi negado. Por quê?

Essa privação tinha como objetivo incutir na pessoa africana escravizada uma falsa consciência, na qual passaram a ver e experienciar seus senhores brancos como 'deuses', dado que tinham o poder de vida ou morte do 'escravo' nas mãos.



Ao serem subordinados e deseducados a acreditar em mentiras sobre nós mesmos enquanto africanos, os africanos ficaram sem um senso claro de propósito e, portanto, sem visão/objetivo para suas próprias vidas. Ainda não conseguimos nos reimaginar como o povo escolhido por Deus, da maneira como outros grupos étnicos fizeram, e ao fazer isso, dar significado à nossa biografia coletiva. Consequentemente, lutamos para saber como dar significado à vida de nosso povo.

A lição para a África a partir dessa revelação é que ela tem a responsabilidade, como nação, de criar essa visão para seu povo na África.

Até que a África tome a decisão de trabalhar com o bem-estar psicológico de seu povo em todo o mundo, um indivíduo de cada vez, tais apelos, como o atual por ideias para estratégias de crescimento econômico e redução da pobreza, continuarão sendo feitos. A resolução dos problemas da África está dentro de sua própria consciência.

Nossos ancestrais das escolas de mistério da antiga Kemet nos deixaram uma excelente estratégia baseada em sua compreensão de que o propósito inteiro da vida humana é alcançar a unidade com nosso Criador, e que essa unidade pode ser alcançada através do desenvolvimento de virtudes espirituais no indivíduo. Os africanos não têm nada a perder e tudo a ganhar testando a utilidade desse caminho para si próprios. E para alcançar isso, eles são desafiados a considerar seriamente a importância de trazer a espiritualidade para a sala de aula.

6. INTRODUZINDO ESPIRITUALIDADE NA SALA DE AULA

Mahatma Gandhi uma vez disse:

A verdadeira dificuldade é que as pessoas não têm ideia do que é a educação de fato. Avaliamos o valor da educação da mesma forma que avaliamos o valor da terra ou das ações no mercado de ações. Queremos oferecer apenas uma educação que permita ao aluno ganhar mais. Mal damos importância à melhoria do caráter do educado... Enquanto essas ideias persistirem, não há esperança de jamais conhecermos o verdadeiro valor da educação.

Falando sobre a importância do Ubuntu em qualquer sistema educacional, Paulo Freire disse: "O humanismo autêntico consiste em permitir a emergência da consciência de nossa plena humanidade, como condição e como obrigação, como situação e como projeto."

Para inculcar um senso de valores nas escolas, pretende-se ajudar os jovens a alcançar níveis mais elevados de julgamento moral. A crença é que a educação não existe apenas para servir ao mercado, mas para servir à sociedade, o que significa incutir nos alunos um amplo



senso de valores que só pode surgir de uma exposição equilibrada às humanidades e às ciências. Enriquecer o indivíduo dessa maneira é, por extensão, enriquecer a sociedade.

Um currículo reformado deve enfatizar muito a matemática, a ciência e a tecnologia. Mas, devemos nos precaver contra uma forma mecanicista e estreita de educação, voltada apenas para as exigências do mercado. Argumentamos que os alunos devem receber uma educação bem fundamentada tanto nas humanidades quanto nas ciências.

Em nenhum lugar o desafio foi mais pronunciado do que na educação, nas escolas e faculdades e outras instituições que, coletivamente, são o viveiro de valores. Portanto, os valores têm que ser "ensinados" de tal maneira que sejam absorvidos e vividos. No entanto, aprendemos no passado os perigos de legislar um sistema de valores e transformá-lo em uma ideologia.

Quando se trata de ensino, é absolutamente necessário ter uma boa conexão espiritual entre o professor e o aluno. Se esse tipo de ligação não existe entre as duas partes, não se pode esperar nada de bom da escola. Sem um bom relacionamento entre professor e aluno, é muito difícil para os ensinamentos se desdobrarem naturalmente. O ensino realmente depende dessa conexão.

O professor precisa estar inspirado para ensinar sua disciplina. A coisa mais importante é que seus alunos tenham respeito e apreço. Ter respeito e apreço pelo professor é a coisa mais importante na profissão de ensino. Se você não tem respeito e apreço, então é impossível ensinar ou produzir futuros líderes credíveis.

Para ensinar, o professor precisa estar inspirado. Ele ou ela precisa realmente querer ensinar aquela disciplina. Eles precisam sentir que têm um bom recipiente para despejar esse ensinamento. Caso contrário, se algo estiver incomodando um professor, isso prejudica sua motivação para ensinar.

O professor e o aluno precisam ter certas qualidades. Não pode ser que o professor seja um desastre e o aluno seja um desastre. Então, nada significativo acontece, na verdade as coisas pioram.

Se você não examina as qualidades do professor, é como beber veneno. Se você beber veneno, você pode morrer. Se você não examina seus alunos, é como pular de um penhasco. Se você pular de um penhasco, você pode morrer ou pode quebrar suas pernas.

Um professor influencia sua vida. Se você encontrar o tipo errado de professor, você é influenciado a seguir o caminho errado. Isso vale para qualquer tipo de professor - professores



religiosos, professores espirituais ou qualquer outro tipo de professor - porque o papel de um professor é orientar você. Portanto, o professor errado pode desorientar você, seja intencionalmente ou não.

Por outro lado, às vezes o professor recebe o tipo errado de alunos. Se um professor tem alunos ruins, isso também pode ser perigoso. Esses alunos acabam minando o professor ou criando dificuldades para ele. Quando o aluno é difícil e não tem o devido respeito pelo professor, isso perturba a mente do professor. E isso interfere nos ensinamentos, porque quando a mente do professor está perturbada, ele ou ela não quer ensinar. Isso impede que outras pessoas também recebam os ensinamentos. Ter os alunos errados interfere na valiosa oportunidade de outras pessoas se conectarem com o professor e os ensinamentos.

Para que o professor e o aluno tenham uma boa conexão, eles precisam se respeitar. Essa é a base para qualquer relacionamento real, e isso só pode acontecer se estiver ancorado nos sólidos valores e princípios do Ubuntu.

7. UBUNTUGIA E EDUCAÇÃO

Epistemologicamente, o Ubuntu foi desenvolvido por Hermes Trismegistus do antigo Kemet, no ano de 1049 a.C. Hoje, a palavra equivalente bem conhecida para o Ubuntu na língua antiga egípcia é chamada de 'Maat'.

Para entender completamente, precisamos, antes de tudo, desmembrar e decifrar o termo 'Ubuntu'. O que 'bu' significa? E o que 'ntu' significa? Bu + Ntu = Buntu, daí dizemos 'u-Buntu'.

Os filósofos antigos Nguni, entre os 42 princípios de Maat, escolheram aqueles poucos específicos para suas circunstâncias. A filosofia Ubuntu (Bhengu, 2014; Ngubane, 1070) é composta por cinco seções principais da seguinte forma: Credo, O corpo de tradições pelas quais as comunidades se definem, Costumes, Leis e outras práticas legais, Constituições e os Princípios do Ubuntu.

A partir daqui, precisaríamos desenvolver os princípios do Ubuntu, como os encontramos em Maat. É aconselhável que, ao ensinar Ubuntu nas escolas, comecemos por aqui, incluindo a explicação da natureza dos antigos Kemet - sua espiritualidade e cosmologia.

A palavra Ubuntu pertence ao grupo de línguas indígenas Nguni e tem cognatos em outras línguas indígenas Bantu. Pode ser melhor traduzida para o inglês como "humanidade" ou "ser humano". Não existe um termo equivalente em inglês para Ubuntu, e é por isso que



Desmond Tutu explica que é muito difícil traduzir Ubuntu para uma língua ocidental. Ele fala da essência de ser humano. Quando queremos elogiar alguém, dizemos: "Yu, u noBuntu"; "Ei, ele ou ela tem Ubuntu." Isso significa que são generosos, hospitaleiros, amigáveis, atenciosos e compassivos. Eles compartilham o que têm. Também significa que minha humanidade está conectada, está indissoluvelmente ligada, à deles. Pertencemos a um conjunto de vida. Dizemos *'umuntu ngumuntu ngabantu'* ou 'Eu sou porque você é, você é porque nós somos', mas também é importante analisar mais a fundo essa máxima para uma compreensão mais profunda.

O autor não se deterá muito nisso, uma vez que fazê-lo seria uma injustiça a este artigo, pois iria além de seu escopo pretendido, mas é suficiente indicar que um entendimento adequado desse conceito é muito necessário, pois não é um conceito fácil de entender rapidamente. Na superfície, parece fácil, mas ao aprofundar, revela sua singularidade e complexidade na compreensão.

Na África do Sul, a compreensão tradicional de que alguém é verdadeiramente humano apenas como membro de uma comunidade é expressa em termos de "ubuntu". O Ubuntu é simultaneamente o alicerce e o edifício da filosofia africana. É a base da vida cultural comunitária africana, funciona como um fator unificador, reunindo as pessoas independentemente de sua origem ou acesso à riqueza.

A humanidade de uma pessoa não pode ser separada da humanidade daqueles que a cercam. É uma existência individual do eu e a existência simultânea para os outros. A pessoa torna-se plenamente humana na medida em que se inclui nas relações com os outros. Os estudiosos do Ubuntu concordam que ele reconhece bens imateriais. A ideia do Ubuntu difere da visão materialista do mundo e das pessoas que é dominante em nossa cultura científica. A vida africana enfatiza a humanidade e os relacionamentos acima da riqueza material. Trata-se de ser um bom membro da comunidade, vivendo e aproveitando a vida em vez da aquisição da criatura material.

Muito já foi escrito sobre as diferenças entre filosofias africanas e europeias. Qualquer análise comparativa entre a filosofia africana tradicional com a filosofia europeia, o contraste é, de fato, impressionante.

Aristóteles, que foi um dos estudantes de grego no antigo Egito, chega perto disso quando diz: "A pessoa excelente está relacionada com seu amigo da mesma forma que está relacionada consigo mesma, pois um amigo é outro ele mesmo". Além disso, as explicações do

Ubuntu concordam que alcançamos a autorrealização por meio de relacionamentos interpessoais.

Conciliar autorrealização (que é eurocêntrica) e comunalismo (afrocêntrico) é tão importante quanto tentar conciliar a moral ocidental com a moral africana. As teorias éticas ocidentais modernas são confrontadas, mas têm dificuldade em responder, à pergunta: Por que devo ser ético (se isso não é bom para mim)? Se, no entanto, entendo que beneficiar outras pessoas também é bom para mim (mesmo quando, no extremo, isso me leva à morte), então automaticamente tenho um motivo para agir eticamente.

8. INCORPORANDO UBUNTU NO SISTEMA EDUCACIONAL

O primeiro passo para desenvolver a teoria necessária da filosofia africana Ubuntu é reconhecer a escola como uma comunidade, não apenas uma coleção de indivíduos. O Ubuntu fornece uma base filosófica sólida para a comunidade, e devemos enxergar a escola como tal.

Quando a escola é compreendida como uma comunidade, torna-se mais eficaz incorporar o Ubuntu ao sistema. Promover o bem da escola é promover o bem de todos os seus membros, ou seja, o corpo governante, os professores e os alunos.

O coletivismo associado à harmonia e cooperação significa trabalhar para o benefício do todo, baseado em uma visão de longo prazo, em vez do benefício de indivíduos em constante mudança. Aplicar os valores centrais do Ubuntu, como humanidade, cuidado, compartilhamento, respeito e compaixão, desenvolve o caráter humano dos alunos, tornando-os assim melhores líderes do amanhã em nosso mundo globalizado e rápido.

O Ubuntu enfatiza a necessidade de aproveitar a tendência de solidariedade, pois ele não reconhece cor nem raça (no contexto atual), mas apenas reconhece a raça humana como criada por Deus. Isso não significa que devemos descartar outros bons valores exógenos, mas precisamos fundi-los todos em uma estratégia harmoniosa.

Em resumo, o Ubuntu não é afrocentrado nem eurocentrado, mas sim humanístico, e o humanismo não reconhece cor nem raça. Não é nem humanismo africano nem humanismo europeu, mas apenas humanismo (*Isidalwa esingumuntu kaNkulunkulu, hhayi ukuhlukanisa isidalwa ngobuhlanga kumbe ngobuzwe, njengoba kwenzeka namhlanje*).

O Ubuntu na educação geralmente começa a partir da escola, pois a maioria das escolas bem-sucedidas ou academicamente boas são aquelas que atualmente adotam a liderança Ubuntu, por exemplo; a escola trata todos os alunos igualmente ou a escola pratica os valores



do Ubuntu. O Ubuntu na educação sul-africana é refletido pela disciplina escolar para garantir a segurança dos estudantes e, em segundo lugar, criar um ambiente propício ao ensino e à aprendizagem.

O desenvolvimento sustentável depende de aproveitar a energia da maioria, o que significa que a escola trabalha em conjunto com a comunidade, funcionários e todos os alunos para praticar o Ubuntu.

O foco no ensino, aprendizado e desenvolvimento profissional, independentemente da área, precisa estar fundamentado nas noções de Ubuntu. A liderança por meio do Ubuntu é percebida como uma agência coletiva. Isso implica em adotar o Ubuntu como uma forte parceria entre a comunidade e a escola, onde todos os envolvidos, como professores, alunos, líderes escolares, pais, comunidade e governos locais e centrais, participam juntos na definição e implementação dos programas de aprendizado.

Por exemplo, o professor e a equipe da escola devem se respeitar e cuidar de si mesmos e, em seguida, cuidar de todos os alunos na escola, independentemente de sua origem ou circunstâncias. As consequências do Ubuntu quando aplicado ao contexto escolar são especialmente evidentes nas áreas de disciplina escolar.

A escola de alto desempenho provavelmente se caracteriza pela presença da prática do Ubuntu. Geralmente, o nível de disciplina escolar reflete a presença ou ausência do Ubuntu na escola e na comunidade circundante. Quando as escolas adotam o Ubuntu, testemunhamos um corpo estudantil disciplinado. Consequentemente, o tipo de liderança que leva a um melhor desempenho escolar está relacionado à presença ou ausência do Ubuntu nelas. Por outro lado, um corpo discente indisciplinado demonstra a falha em adotar e a ausência do Ubuntu.

0. VALORES DO UBUNTU

O Ubuntu na educação é considerado como fornecedor de conhecimento indígena, o qual é realmente importante para a integração em nossa concepção africana de inclusão, que por sua vez promove a inclusividade, igualdade e justiça social em nosso sistema educacional. O propósito da educação é libertar as mentes dos oprimidos para destruir as classes sociais e criar uma consciência humana única dentro da sociedade. A educação tem como objetivo desenvolver uma concepção de educação que contribua para a imaginação, deliberação e responsabilidade, e ações que ajudem a promover a justiça nas relações educacionais,



especificamente em relação à Educação Africana. O Ubuntu na educação faz com que os discentes reconheçam a humanidade em si mesmos e nos outros.

A escola deve incentivar os discentes a trabalhar cooperativamente através do compartilhamento e do engajamento com os outros na sala de aula. O Ubuntu nas escolas ou na educação é descrito como uma abordagem inclusiva que clama por dignidade e respeito em nossas relações mútuas com os outros na educação, sala de aula ou escola.

A educação ou a escola como um todo reflete os valores e crenças que a sociedade considera dignos, portanto, a escola transmite esses valores, ética, em que o corpo docente e os estudantes são parte da sociedade. Valores são parte integrante da sociedade e a sociedade se entende e julga seu valor por meio do sistema de valores, levando em consideração a educação do indivíduo. Os valores centrais do Ubuntu na educação fornecem uma base de apoio ou referência a partir da qual tanto o professor quanto o estudante se envolvem no processo de avaliação.

Todo o processo educacional gira em torno do Ubuntu como uma filosofia ou conjunto de princípios éticos que capturam o sistema de crenças dos sul-africanos, de acordo com o qual as pessoas assumem a responsabilidade pelos outros e aceitam a autoridade e orientação de outros para progredir.

O Ubuntu na educação dá aos aprendizes a primazia da humanidade e adota uma visão mais holística nos estudantes, em vez de reduzir suas habilidades ou potencial. Conforme identificado pelo Diário Oficial do Governo (NO. 20844), o professor na escola que pratica o Ubuntu deve ser competente, atencioso e dedicado a fornecer educação igualitária e respeitosa a todos os aprendizes, independentemente de sua origem ou circunstâncias (Letseka, 2011; Msila, 2008; Baken Lefa, 2015).

Dois renomados estudiosos afro-americanos, Asante e Karanga, ressaltaram que o sistema educacional americano está impregnado com a ética Maatiana. A argumentação deles é que somos cultivados para fazer o bem por meio da instrução nas Sete Virtudes Cardinais de Maat, que são: verdade, justiça, adequação, harmonia, equilíbrio, reciprocidade e ordem.

Todas essas virtudes derivam de textos sagrados egípcios e são exatamente os princípios do Ubuntu em nossa situação, no Sul da África. Assim, falar a verdade, praticar a justiça, agir adequadamente, viver em harmonia, manter o equilíbrio, praticar a reciprocidade e reconhecer e respeitar a ordem divina, social e natural são todos aspectos de Maat. O esforço para cultivar o caráter Maatiano é, portanto, um esforço para criar um processo de auto



enriquecimento no qual a pessoa Maatiana e a sociedade, em uma recíproca dinâmica, se reforçam e sustentem mutuamente, promovendo a expansão um do outro. Maat, em seu sentido mais amplo, representa a correção no mundo, dando a devida atenção a si mesmo, à sociedade e ao mundo como uma ordem inter-relacionada.

A busca contínua, então, é manter, renovar, reparar e aprimorar essa ordem como criadores e portadores conscientes do bem no mundo, em um processo de restaurar, reparar e renovar o mundo.

10. AFRIKOLOGIA COMO UM PARADIGMA

De acordo com Asante, a Afrikologia (Inqaba Journal, 2017) é o estudo afrocentrado de qualquer fenômeno africano. Não se trata apenas do estudo da África ou do povo africano, mas sim do tipo de estudo e da perspectiva do estudioso que faz a diferença.

A Afrikologia possui três (3) propósitos: educar e treinar estudantes a como investigar, descobrir e recuperar o lugar da África no centro de suas próprias narrativas econômicas, sociais e filosóficas. Em segundo lugar, busca reposicionar o continente e seus intelectuais no assento do condutor de seu próprio discurso em línguas, histórias, fenômenos culturais e assim por diante. Isso ajuda a redirecionar a consciência.

Essa sinergia entre o Ubuntu e a Afrikologia auxilia a Afrikologia a avançar a partir da proposição de que é uma verdadeira filosofia de conhecimento e sabedoria baseada em cosmogonias africanas, porque é Afri- no sentido de ser inspirada pelas ideias originalmente produzidas no Berço da Humanidade, localizado na África. Ela não é Afrikologia apenas porque é africana, mas sim Afri- porque emana da Fonte do sistema universal de conhecimento na África. O produto, portanto, não é relativo à África, mas universalista, com sua base na África. É - (ko)logia porque se baseia em logos - a palavra da qual o Universo surgiu.

A partir da palavra surgiu a consciência e da consciência surgiu a humanidade, que produziu a linguagem a partir da palavra.

A Afrikologia extrai sua cientificidade e singularidade do fato de estar fundamentada em uma filosofia abrangente da humanidade que teve origem no Egito e foi atualizada pelas experiências vividas por toda a humanidade, que ainda continua a se inspirar em sua sabedoria profundamente enraizada - assim como o Ubuntu. Ela se baseia em uma filosofia que é consciente de si mesma, consciente de sua própria existência como pensamento, e que, embora originalmente baseada em mito, conseguiu se separar dele.



O que é então necessário é uma nova concepção holística e ao mesmo tempo ética da realidade, com raízes nas antigas concepções, especialmente do Egito. A Afrikologia é exatamente isso, uma epistemologia transdisciplinar que pode nos tirar do desconforto. A tradição é importante para a criação de compreensão e conhecimento verdadeiro. Nesse contexto, a abordagem hermenêutica está precisamente preocupada com a recuperação do conhecimento da rigidez da ciência moderna. Para Hermes: Se recordarmos a origem do nome hermenêutica, fica claro que estamos lidando com um evento linguístico, com uma tradução de uma linguagem para outra.

No entanto, em conclusão, o fato é que estamos lidando com uma situação sul-africana multicultural muito única. Portanto, mecanismos de diversidade cultural nas escolas precisam ser aplicados.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incorporar a filosofia do Ubuntu e a Afrikologia no sistema educacional sul-africano, particularmente na província de KwaZulu-Natal, que é um ambiente multicultural, requer habilidade e abordagem meticulosa.

A educação multicultural é uma abordagem progressiva para transformar a educação com base na igualdade educacional e na justiça social. Os componentes necessários para uma educação multicultural são a integração de conteúdo, a redução de preconceitos, a promoção de uma cultura escolar empoderadora e a cultura social. Todos esses aspectos estão interligados e requerem atenção, pois estão relacionados aos esforços de resolução de conflitos no mundo atual. O que as crianças aprendem em seus ambientes de sala de aula em relação às interações com aqueles que são diferentes delas reflete em quão bem elas gerenciarão a vida no mercado global.

Em um sentido sério, um currículo multicultural bem desenvolvido é muito importante, uma vez que é a integração de ideais nos cursos de estudo das escolas que nutrem a prática que visa transformar a maneira como os alunos são instruídos, dando igual atenção às contribuições de todos os grupos na sociedade. Ele deve ser bem concebido, sensível, abrangente e incluir as histórias, experiências, tradições e culturas dos alunos na sala de aula. Um currículo multicultural reconhece a diversidade de línguas e promove a atitude de que todas as línguas e dialetos são sistemas válidos de comunicação para alguns grupos.



No último século, houve um aumento na aceitação global mútua de pontos de vista opostos e diferentes culturas - embora se possa argumentar que ainda há um longo caminho a percorrer. A diversidade existe até mesmo dentro da sociedade *mainstream* e os alunos precisam ter as habilidades de comunicação que a educação multicultural promove.

A educação multicultural não pode ser ensinada apenas por meio de um livro didático. Ela deve ser desenvolvida por cada educador com base em um grupo específico de alunos. Os professores podem ajudar os alunos a descobrir suas habilidades acadêmicas ao auxiliá-los a identificar seu próprio estilo de aprendizagem. Dessa forma, os alunos descobrem qual método de compreensão funciona melhor para eles com base em suas origens e personalidades. Se os educadores transformarem esse estilo de aprendizagem em um projeto de classe, uma lição intrínseca de multiculturalismo é ensinada.

Os educadores devem procurar maneiras de destacar as diferenças entre os alunos de maneira positiva. Isso pode envolver a redação de ensaios sobre o histórico familiar ou a parceria com outros alunos para ajudarem uns aos outros a desenvolver projetos que realcem a cultura do outro. Isso pode incluir tarefas que analisem a história familiar ao longo de gerações ou que peçam aos alunos para examinarem sua configuração familiar atual.

Para compreender plenamente a importância do multiculturalismo na sala de aula, os educadores devem primeiro examinar minuciosamente suas próprias crenças culturais, valores e preconceitos. Então, os futuros educadores estão prontos para começar a aprender sobre outras culturas - se familiarizar com seus valores, tradições, estilos de comunicação, preferências de aprendizado, contribuições para a sociedade e padrões de relacionamento de seus futuros alunos. Embora parte dessa educação possa ser adquirida por meio da leitura sobre diversidade cultural, é difícil substituir completamente a interação genuína e o diálogo com membros das culturas dos alunos.

Embora o conhecimento de livros sobre grupos culturais diversos possa ser útil até certo ponto ao planejar planos de aula e materiais educacionais, uma das razões mais importantes para realmente aprender sobre os padrões cognitivos dos grupos culturais é para que as atitudes e comportamentos interpessoais de alunos diversos possam ser interpretados de maneira eficaz em termos da cultura em que estão inseridos.

Ambientes de ensino tradicionais forçam estudantes desses e de outros grupos a modificar seus padrões de pensamento e comportamento para se adequarem às normas padrão euro-americanas, ou então enfrentar consequências acadêmicas e comportamentais. Em uma



sala de aula culturalmente responsiva, a responsabilidade é colocada no instrutor para aprender sobre e se adaptar às complexidades culturais dos alunos que ensinam.

Se usadas de maneira inteligente, tarefas de sala de aula podem oferecer uma janela primária para as crenças culturais de um aluno. Tarefas de escrita podem desempenhar um papel significativo na coleta de informações sobre os padrões de pensamento e tendências dos alunos. Entrevistas com membros da família, tarefas que peçam aos alunos para escreverem sobre experiências de aprendizado que ocorrem fora da escola, e tarefas envolvendo histórias e tradições familiares podem todas desempenhar um papel importante em descobrir informações sobre a herança cultural de um aluno. Os pais dos alunos frequentemente podem ser solicitados como fontes de informações pessoais úteis, e visitar os bairros onde os alunos diversos moram pode ajudar os educadores a terem uma ideia do nível de apoio social presente e dos tipos de desafios que o aluno pode enfrentar fora da sala de aula.

Um currículo multicultural ajuda os alunos a entenderem as experiências históricas significativas e os padrões culturais básicos dos grupos étnicos, as questões contemporâneas críticas e os problemas sociais enfrentados por cada um deles, e a diversidade dinâmica das experiências, culturas e indivíduos dentro de cada grupo étnico.

Indivíduos adquirem conhecimento ou crenças, por vezes inválidas, sobre grupos étnicos e culturais; portanto, é essencial que todos os alunos e membros de nossa sociedade desenvolvam uma compreensão dos grupos raciais, étnicos e culturais e sua importância na sociedade sul-africana e em todo o mundo.

Muito do conhecimento sobre grupos étnicos é estereotipado, distorcido e baseado em observações distantes, contatos dispersos e superficiais, tratamento midiático inadequado ou desequilibrado e informações factuais incompletas. Os multiculturalistas acreditam que os currículos escolares devem abranger uma variedade de vozes presentes na sociedade multicultural sul-africana. Eles acreditam que essa transformação nos métodos de aprendizado é um começo para abordar as desigualdades na sociedade sul-africana. Eles acreditam que isso é cada vez mais importante devido à mudança na composição populacional na África do Sul.

De importância é o fato de que o multiculturalismo, o Ubuntu e a Afrikologia se convergem harmoniosamente e, como tal, têm uma boa chance de produzir um produto único de liderança juvenil sul-africana, garantindo assim uma sociedade sul-africana melhor. Racismo, xenofobia, tensões raciais e étnicas poderiam ser coisas do passado, e de fato



apoiando o que Mandela disse, que os seres humanos não nascem racistas, mas aprendem da sociedade, o que significa que podem ser ensinados a deixar de ser racistas.

12. REFERÊNCIAS

- ADEYEMI, M. & ADEYINKA, A. The principles and content of African traditional education, *Educational Philosophy and Theory*, 35(4), p. 425–440. *African ethic of Ubuntu/Botho* 287, 2003.
- APPIAH, A. Ethical systems, African, in: E. Craig (Ed.) *Routledge encyclopaedia of philosophy* (London, Routledge), 1998.
- BAIER, K. *The moral point of view: a rational basis of ethics* (New York, Random House), 1965.
- BAKEN LEFA, (April 2015, Cape Peninsula University of Technology)
- BANKS, J. *The canon debate, knowledge construction, and multicultural education*. *Educational Researcher*, 22 (5), p. 4-14, 1993.
- BELL, R. *Understanding African philosophy* (New York, Routledge), 2002.
- BHENGU, M. J. *Ubuntu: the essence of democracy* (Cape Town, South Africa, Novalis Press), 1996.
- BHENGU, M. J. *Ubuntu in Education, in his: Ubuntu: Global Philosophy for Humankind* (Cape Town: Lotsha Publications), p. 207-22, 2006.
- BIKO, S. (1971/2004) *I write what I like* (Johannesburg, Picador Africa).
- BLASCHKE, L.M, and BRINDLEY, J. (2011). Establishing a foundation for reflection practice: A case study of Learning journey journal use. *European Journal of Open, Distance, and ELearning (EURODL)*.
- BUJO, B. *Foundations of an African ethic: beyond the universal claims of Western morality* (B. McNeil, Trans.) (New York, Crossroad), 2001.
- CATHERINE, A. and HOPPERS, O. Occasional Paper NO.5, Culture, *Indigenous Knowledge and Development*, 2004.



COETZEE, I.E.M. *Theory of Education*, 2002.

David W. Lutz. African Ubuntu Philosophy and Global Management: Article in *Journey of Business Ethics*, 2009.

DIOP, C. A. *African origin of civilization: myth or reality*, Lawrence Hill Books, Chicago, 1974.

DIOP, C. A. *Civilization or Barbarism: An Authentic Anthropology*, Lawrence Hill Books, Brooklyn, New York, 1981.

DIOP, Diallo. *Africa: Mankind's Past and Future in Makgoba*, M. W [1999]: African Renaissance, Mafube, Tafelberg, SA, 1999.

DONOVAN, J. & ADAMS, C. (Eds) *The feminist care tradition in animal ethics: a reader* (New York, Columbia University Press), 2007.

DUBE, M. 'I am because we are': giving primacy to African indigenous values in. 2009.

EDS 733 Learning Guide: Distance Education, Unit for distance education, University of Pretoria. (ISBN: 978-77592-130-1), 2016.

EDWARDS, C. *Societal complexity and moral development: a Kenyan study*, *Ethos*, 3(4), p. 505–527, 1975.

FELTHAM, B. & COTTINGHAM, J. (Eds) *Partiality and impartiality: morality, special relationships and the wider world* (Oxford, Oxford University Press), 2010.

FOUCAULT, M. *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences*, Routledge, London, 1972.

FRANKENA, W. *Ethics* (Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall), 1963.

GAIE, J. The Setswana concept of Botho: unpacking the metaphysical and moral aspects, in: J. Gaie & S. Mmolai (Eds) *The concept of Botho and HIV/AIDS in Botswana* (Eldoret, Kenya, Zapf Chancery), p. 29–43, 2007.

GBADEGESIN, S. *African philosophy: traditional Yoruba philosophy and contemporary African realities* (New York, Peter Lang), 1991.



GODUKA, I. African/Indigenous Philosophies: Legitimizing Spiritually Centered Wisdoms Within the Academy, in: P. Higgs et al. (eds.) *African Voices in Education* (Lansdowne: Juta), p. 63-83, 2000.

GRUBE, G. M. A. (Trans.) *Plato's Republic* (Indianapolis, Hackett), 1974.

GUTTO, S. Towards a New Paradigm for Pan-African Knowledge Production and Application in the Context of the African Renaissance, *International Journal of African Renaissance Studies*, 1, p. 306-323, 2006.

GYEKYE, K. *Tradition and modernity: philosophical reflections on the African experience* (New York, Oxford University Press), 1997.

GYEKYE, K. *Beyond cultures: perceiving a common humanity* (Washington, DC, The Council for Research in Values and Philosophy), 2004.

HARDING, S. The curious coincidence of feminine and African moralities, in: E. C. Eze (Ed.) *African philosophy: an anthology* (Malden, MA, Blackwell), p. 360–372, 1987/1988.

HARMAN, G. Moral relativism defended, *Philosophical Review*, 84(1), p. 3–22, 1975.

HIGGS P. *Metatheories in Philosophy of Education*, 1995.

HIV&AIDS prevention, in: M. F. Murove (Ed.) *African ethics: an anthology of comparative and applied ethics* (Pietermaritzburg, South Africa, University of KwaZulu-Natal Press), p. 188–217.

HOUNTONJI, P. *African philosophy: Myth and reality*. Paris: Francois Maspero, 1995.

IKUENOBE, P. *Philosophical perspectives on communalism and morality in African traditions* (Lanham, MD, Rowman & Littlefield). 2006.

IROEGBU, P. Beginning, purpose and end of life, in: P. Iroegbu & A. Echekwube (Eds) *Kpim of morality ethics: general, special & professional* (Ibadan, Nigeria, Heinemann Educational Books), p. 440–445, 2005.

IRWIN, T. (Trans.) *Aristotle: Nicomachean ethics* (2nd edn) (Indianapolis, Hackett), 2000.

JESKE, D. *Rationality and moral theory: how intimacy generates reasons*. New York, 2008.



- KANU I.A. The Meaning and Nature of African Philosophy in *Globalising World, Department of Religion and Human Relations Mnamdi Azikiwe University Awka, Anambra*, 2014.
- KASENENE, P. African ethical theory and the four principles, in: R. M. Veatch (Ed.) *Cross-cultural perspectives in medical ethics* (Sudbury, MA, Jones and Bartlett), p. 347–357, 2000.
- KOHLBERG, L. Moral stages and moralization: the cognitive-developmental approach, in: T. Lickona (Ed.) *Moral development and behavior: theory, research, and social issues* (New York, Holt, Rinehart and Winston), p. 31–53, 1976.
- KOHLBERG, L. *The psychology of moral development* (San Francisco, Harper & Row), 1984.
- KOHLBERG, L. A current statement on some theoretical issues, in: S. Modgil & C. Modgil (Eds) *Lawrence Kohlberg: consensus and controversy* (London, The Falmer Press), p. 485–546, 1986.
- KROG, A. ‘This thing called reconciliation’; forgiveness as part of an interconnectedness towards-wholeness, *South African Journal of Philosophy*, 27(4), p. 353–366, 2008.
- LETSEKA, M. *African philosophy and educational discourse*, in: P. Higgs, N. C. G., 2000.
- LOUW, D. The African concept of Ubuntu and restorative justice, in: D. Sullivan & L. Tift (Eds) *Handbook of restorative justice: a global perspective* (New York, Routledge), p. 161–172. 2006.
- MAGESA, L. *African religion: the moral traditions of abundant life* (Maryknoll, NY, Orbis Books), 1997.
- MAREE, K. *First steps in research*, second edition, 2016.
- MASOLO, D. A. (2004) Western and African communitarianism: a comparison, in: K. Wiredu (Ed.) *A companion to African philosophy* (Malden, MA, Blackwell), p.483–497, 2004.
- MAZRUI, A. *Political Values and the Educated Class in Africa* (London: Heinemann), 1978.
- MBITI, J. (1969) *African Religions and Philosophy* (Oxford: Heinemann Educational Books, 1969.



- MENKITI, I. Person and Community in African Traditional Thought, repr. in: R. Wright (ed.) *African Philosophy: An Introduction*, 3rd Ed. (New York: University Press of America), p. 171-81, 1984.
- MENKITI, I. On the normative conception of a person, in: K. Wiredu (Ed.) *A companion to African philosophy* (Malden, MA, Blackwell), p. 324–331, 2004.
- METZ, T. Respect for Persons and Perfectionist Politics, *Philosophy and Public Affairs*, 30, p. 417-420. 2001.
- METZ, T. Toward an African moral theory, *Journal of Political Philosophy*, 15(3), p. 321–341, 2007.
- METZ, T. Human dignity, capital punishment, and an African moral theory: toward a new philosophy of human rights, *Journal of Human Rights*, 9(1), p. 81–99, 2010.
- MILLER, R. *Moral differences* (Princeton, NJ, Princeton University Press), 1992.
- MKHIZE, N. Ubuntu and harmony: an African approach to morality and ethics, in: R. Nicolson. (Ed.) *Persons in community: African ethics in a global culture* (Pietermaritzburg, South Africa, University of KwaZulu-Natal Press), p. 35–44, 2008.
- MOKGORO, Y. Ubuntu and the law in South Africa, *Potchefstroom Electronic Law Journal*, 1(1), p. 15–26, 1998.
- MOTALA, E and CHAKA, T. Occasional paper NO.4. *The case for basic education*, *Centre for Education Policy Development*, 2004.
- MUROVE, M. F. African bioethics: an exploratory discourse, in: M. F. Murove (Ed.) *African ethics: an anthology of comparative and applied ethics* (Pietermaritzburg, South Africa, University of KwaZulu-Natal Press), p. 157–177, 2009.
- NODDINGS, N. *Caring: a feminine approach to ethics and moral education* (Berkeley, CA, University of California Press), 1984.
- NODDINGS, N. *The challenge to care in schools* (New York, Teachers College Press), 1992.
- PEARCE, C. *Tsika, hunhu and the moral education of primary school children*, *Zambezia*, 17(2), p. 145–160, 1990.



PELLEGRINO (Eds) *African-American perspectives on biomedical ethics* (Washington DC, Georgetown University Press), p.104–117.

PRINSLOO, E. D. Ubuntu culture and participatory management, in: P. H. Coetzee & A. P. J. Roux (Eds) *Philosophy from Africa; a text with readings* (Cape Town, Oxford University Press Southern Africa), p. 41–51, 1998.

RAMOSE, M. *African philosophy through Ubuntu* (Harare, Mond Books), 1999.

RAWLS, J. *A theory of justice* (Cambridge, MA, Harvard University Press). Reed, D. C. (Ed.) (2008) Special Issue: towards an integrated model of moral functioning, *Journal of Moral Education*, 37(3), p. 279–428, 1971.

REUS-SMIT, C. *Beyond metatheory?* *European Journal of International Relations*, 19(3), p. 589-608, 2013.

KASENENE, P. *Religious ethics in Africa* (Kampala, Uganda, Fountain Publishers), 1998.

SANDEL, M. The procedural republic and the unencumbered self, *Political Theory*, 12(1), p. 81–96, 1984.

SCHEFFLER, S. *Boundaries and allegiances* (Oxford, Oxford University Press), 2001.

SEFATHO, M.M. A researcher's dilemma: philosophy in crafting dissertations and theses. *Journal of Social Sciences*, 42(1, 2) p. 23-36, 2015.

SETILOANE, G. M. (1976) *The image of God among the Sotho-Tswana* (Rotterdam, Netherlands, Balkema).

SHUTTE, A. *Ubuntu: an ethic for the new South Africa* (Cape Town, South Africa, Cluster Publications), 2001.

SILBERBAUER, G. Ethics in small-scale societies, in: P. Singer (Ed.) *A companion to ethics* (Oxford, Basil Blackwell), p. 14–28. Tutu, D. (1999) *No future without forgiveness* (New York, Random House), 1991.

SITHOLE. J. Africa can only use own culture to influence Globalisation, *Afrol News*, 15 May 2001.



TAYLOR, P.C & MEDINA, M.N.D. Educational research paradigms: from positivism to multiparadigmatic. *Journal of Meaning-centered Education*, 2013.

TAYLOR, P.C. & MEDINA, M.N.D. Educational research paradigms: from positivism to pluralism. *College research journal*, 1 (1) p. 9-23, 2011.

TEMPLE'S, P. *Bantu Philosophy*. Paris: Presence Africaine, 1959.

TULI, F. The basis of distinction between qualitative and quantitative research in Social science: reflection on ontology, epistemological and methodological perspectives. *Ethiopian Journal of Education and science*, 6 (1), 2011.

VAKALISA, T. V.; MDA, N. T. Assie-Lumumba (Eds) *African voices in education* (Cape Town, South Africa, Juta), p. 179–193.

VERHOEF, H. & MICHEL, C. Studying morality within the African context: a model of moral analysis and construction, *Journal of Moral Education*, 26(4), p. 389–407, 1997.

WALZER, M. *Spheres of justice: a defense of pluralism and equality* (New York, Basic Books), 1983.

WILLIAMS, T. (Trans.) *Augustine: on free choice of the will* (Indianapolis, Hackett), 1993.

WIREDU, K. *The African concept of personhood*, in: H. E. Flack & E. E., 1992a.

WIREDU, K. The moral foundations of an African culture, in: K. Wiredu & K. Gyekye (Eds) *Person and community: Ghanaian philosophical studies, Volume 1* (Washington, DC, The Council for Research in Values and Philosophy), p. 193–206, 1992b.

Sobre o autor:

Ngogi “Mgogi” Emmanuel Mahaye | E-mail: ngogi.Mahaye@kzndoe.gov.za
Mahaye Ngogi Emmanuel atualmente trabalha no Departamento de Educação, KwaZulu-Natal. Mahaye faz pesquisa em Política Educacional, Gestão Educacional e Liderança Educacional. Acabou de passar BEDHON com Summa Cum Laude (Distinção) na Universidade de Pretória.

Sobre a tradutora:

Edna Raquel Hogemann | E-mail: ershogemann@gmail.com



Advogada desde 1999. Pós-Doutora em Direito, pela Universidade Estácio de Sá/RJ, Doutora em Direito pela Universidade Gama Filho - UGF (2006), Mestre em Direito pela Universidade Gama Filho - UGF (2002), Pós-Graduação Lato Sensu em Bioética, pela Red Bioética UNESCO (2010), Pós-Graduação Lato-Sensu em História do Direito Brasileiro, pela Universidade Estácio de Sá - UNESA (2007), Graduada em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1977) e Bacharel em Direito pela Universidade do Grande Rio (1999). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito e Decana, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UniRio. Pesquisadora do GGINNS – Global Comparative Law: Governance, Innovation and Sustainability (Bioethics, Biolaw, Biotecnology), do Grupo Direito Humanos e Transformação Social e do Instituto EthikAI- AIEthics. Com experiência em políticas públicas em Direitos Humanos, no desenvolvimento de projetos pedagógicos, desde a concepção até a implantação, incluindo elaboração de planos de ensino, planos de aula, itens de avaliação e gerenciamento de equipe de docentes. Autora de livros didáticos, conteúdo de aulas on-line e itens de avaliação para disciplinas presenciais e a distância, além de experiência em gravação de videoaulas, coordenação e na produção de materiais didáticos para disciplinas em EAD para graduação e pós-graduação desde 2006.

